

**ALJAVA COM FLECHAS**  
**PONTIAGUDAS DEBAIXO DO BRAÇO**  
**A TRADUÇÃO ENTRE NARRAÇÃO E**  
**INTERPRETAÇÃO<sup>1</sup>**

**Alessia de Biase**

Arquiteta, antropóloga, professora École  
Nationale Supérieure d'Architecture de  
Paris-La-Villette, coordenadora Laboratoire  
Architecture Anthropologie LAA/  
LAVUE-CNRS, membro equipe PRONEM

Entre etnografia, imagem e alteridade<sup>2</sup> há muitas coisas em comum que se relacionam. Poderia discuti-las a partir das experiências etnográficas, falar de uma imagem dada/produzida por um habitante ou informante/interlocutor, de um bairro onde existem situações de alteridade interessantes, ou de uma etnografia feita no passado para mostrar uma aproximação particular... Mas achei que as articulações entre as três palavras/registros não deviam se explicitar por meio de algo muito específico de um campo, e sim buscar articular de maneira mais teórica os conceitos, para vermos o que acontece quando colocamos os três juntos.

Por isso que vi surgir e faço a proposta de uma categoria de pensamento que me parece particularmente apropriada para nossa reflexão: a tradução. E comecei a entender que a tradução, um dos *topoi* de maior importância da Antropologia, poderia ser muito interessante para contribuir à reflexão dessa grande pesquisa que fala sobre a questão de ferramentas, sobre a maneira de apreender a cidade.

A tradução é uma questão de experiência. Traduzir é uma experiência muito forte de como transformar o outro no nosso. Mas a tradução é também uma negociação. Os dois registros me interessam muito, pois ferramentas científicas são uma questão de negociação e experiência. Deixo aos outros atores deste mesmo livro, que graças à pesquisa PRONEM, nesses últimos três anos, puderam desenvolver bem particularmente a questão da experiência. Proponho uma reflexão sobre a tradução como negociação e sobre a negociação como fato imprescindível de toda experimentação interdisciplinar.

A minha hipótese é que a etnografia, a imagem – que eu chamo de dispositivo de representação – e alteridade, ao existirem, realizam um processo de tradução. Acho que os três processos/conceitos fazem, cada um de maneira diferente, uma tradução de uma realidade à outra, de uma narrativa à outra.

Decidi focar sobre as palavras, sobre o que significa traduzir, e lanço meu olhar não a partir do mundo contemporâneo (no qual trabalho normalmente), mas a partir do mundo antigo, grego e romano, para compreender como nas línguas e práticas contemporâneas, nós herdamos esta negociação. Para mim, é sempre interessante e importante ver como a antiguidade age na contemporaneidade de maneira muito forte.

## O QUE É A TRADUÇÃO?

Se olharmos para o mundo latino e grego, a tradução é uma questão de comutar, transformar, rearticular uma língua em outra. Em latim, o verbo que indicava a transformação ou transformar ou traduzir era o verbo *vertere* (BETTINI, 2012).

Então, essa primeira questão é muito interessante, porque estamos num mundo, numa época, em que acreditamos só na tradução fiel: a tradução, palavra por palavra. E, na realidade, em latim, a tradução não era isso. A tradução era uma questão de transformação. O verbo *vertere* era reverter, voltar radicalmente, mudar radicalmente as coisas. Então se dizia: *verter veste* era mudar a roupa, *verter comas* era mudar a cor do cabelo e também se dizia *Incendia gentes em cinere vertum*, ou seja, fogo transforma gente em cinza. Então, a questão muito interessante é que essa palavra não tem nada de fiel. É uma transformação radical: de pessoa em cinza, de uma cor de cabelo em outra, de um tipo de roupa em outra. No mundo romano, a tradução era uma questão de radicalidade. A tradução é uma maneira de fazer meu, o outro. Como dizia Lévi-Strauss, em 1962, no *Pensamento Selvagem*, a tradução é a questão de fazer nosso, o outro. Então, *vertere* é converter, sua palavra, sua língua, na minha, utilizando qualquer forma. Logo, não tem que ser uma conversão fiel. Tradução era fazer chegar no sentido mais profundo da coisa para ficar meu. Assim, não tem nada sobre a fidelidade, a tradução fiel.

Essa questão da tradução fiel, aquela que hoje nos parece imprescindível que assegure uma verdade, de onde ela chega/vem para nós?

Neste momento, estou traduzindo um urbanista escocês, do final do século XIX e início do século XX, Patrick Geddes<sup>3</sup>, e a questão não é a de propor novamente uma escrita “vitoriana”, mas de “fa-

zer presente” à nós, com novas palavras e nossa gramática atual. “Fazer presente” quer dizer não apenas temporalmente, com as mudanças linguísticas deste último século, e então fazer compreensível, mas também “fazer presente” como um pensamento contemporâneo, capaz de nos dizer e de participar à reflexão atual. Não pretendo neste exercício de tradução fidelidade alguma, pois essa o deixará muito distante de nós. Minha fidelidade é com os conceitos e com o seu pensamento, mas não particularmente com suas expressões linguísticas, que em uma certa época e país, significavam alguma coisa e hoje fazem este livro quase incompreensível, quando minha intenção é de fazê-lo, enfim, público<sup>4</sup> na França.

Essa questão da tradução fiel nasceu quando foi preciso traduzir Deus, a palavra de Deus. Então, começou-se a pensar na tradução fiel para traduzir a Bíblia, no sentido de que não se devia, não era possível, fazer qualquer transformação<sup>5</sup>. A questão era de não interpretar. Se devia ser fiel a um pensamento, traduzir palavra por palavra, ir em frente sem olhar o sentido geral das coisas. Esse exercício ficou sendo religioso, tendo em vista que a tradução fiel é uma maneira religiosa de ver as coisas.

**Uma primeira articulação** que proponho é entre fidelidade, tradução fiel e fotografia. Com este grupo de palavras que devemos articular, para mim é impossível não falar de Siegfried Krakauer. Seguindo Krakauer em *Ensaio sobre a fotografia*, de 1927 (2014), se queremos ser fiéis, como uma tradução religiosa é fiel, produzimos um pensamento que só se legitima – o que é a coisa mais perigosa – se é historicamente comprovado. É historicista, no sentido em que segue e crê veementemente no processo diacrônico que localiza os eventos seguindo a lógica “passado, presente e futuro”, exatamente como um processo fotográfico faz na chamada “etiquetagem cronológica dos eventos”.

Assim se constitui uma realidade histórica sem lacunas. A reconstituição histórica é uma série/lista de eventos, em uma sucessão temporal certa como a tradução, palavra por palavra, faz e assegura. Tendo em vista não ter lacuna nenhuma, nenhum tipo de interpretação, mas seguindo diacronicamente a história. Mas traduzir como *verter* é a capacidade, a maneira de transformar a palavra do outro na minha, o que podemos chamar hoje, na maneira contemporânea, de um processo cultural. Então, para se atualizar e existir, para se atualizar e não ser mais religioso, há que estar aberto a eventualidades, a descobertas de nós mesmos e dos outros. Jogar com a alteridade.

**A segunda articulação** é aquela com a alteridade. Nós sabemos que eu não existo sem o outro, eu não existo, se o outro não existe. Então a questão do processo cultural, da tradução do outro para nós é um processo que está ligado à questão da alteridade.

Esse processo é similar – sempre seguindo Krakauer (2014) – àquele da memória que a equipe da pesquisa PRONEM trabalhou no número 14 de *Redobra*, na qual fizeram, sobretudo, uma experiência de trabalho sobre a memória<sup>6</sup>. Então, a memória, segundo Krakauer, está ligada a esse processo de tradução como processo cultural que não engloba a totalidade de um fenômeno espacial, nem a totalidade de um desenvolvimento temporal de um feito. Comparada à fotografia, as notações são lacunares, incompletas. Proponho, assim, entender a tradução como uma questão de rearticulação de um discurso. A memória, ela continua, não se ocupa de datas, ela pula acima dos anos, ela alonga as lacunas do tempo, não importa se é verdade, não-verdade, se foi esse ano, se não foi esse ano. A escolha dos traços que ela reúne parece arbitrária, completamente arbitrária, pelo fotógrafo. Como parece arbitrária qualquer tradução pelo tradutor religioso.

Então, esse tradutor que eu chamo de “tradutor religioso”, acolhe mal todas as derrotas, impurezas, somas e interpretações que o tradutor faz, para tentar compreender, transmitir e exprimir melhor o pensamento do outro. Diferente do que um antropólogo, a cada dia, tem que fazer na etnografia e, depois, na parte mais analítica da pesquisa.

Este tradutor, que podemos chamar também de etnógrafo, prossegue procurando equivalências que não são as mesmas coisas, obviamente, e que também articulam com a questão da alteridade. Expressar vem de *ex-primir*, latim, quer dizer ao mesmo tempo expressar um pensamento e espremer qualquer coisa (como uma laranja). Então, as duas coisas devem ser vistas juntas para se compreender a questão que temos diante de nós. Quando o tradutor procede por equivalências, ele procede por impressão porque cada um que traduz acrescenta uma camada, re-imprime. Ele acrescenta um verbo sobre outro verbo. (BETTINI, 2012, p. 252) Mas se nós olharmos assim as coisas, essa questão de traduzir como impressão, de colocar uma camada sobre o original – **a terceira articulação** que eu faço é com a questão da imagem – remetemos assim à palavra “*imago*” (imagem) que significa a camada do rosto dos mortos, no sentido em que a *imago* designa originalmente as efígies moldadas em cera, obtidas pela marcação (sempre por pressão) afim de guardar um traço das genealogias, dos antepassados.<sup>7</sup>(DIDI-HUBERMAN, 2000, p. 68-9) Então a imagem mesmo na impressão não é a “realidade”, mas uma imagem da “realidade”. A realidade é uma questão de narração – e, aqui, entro no outro grande tema desta pesquisa PRONEM.

A questão é que os romanos tinham, também, uma visão meio colonialista sobre a língua. Eles interpretavam as outras línguas como deformação da principal, que era a deles. Então, uma pessoa

poderia falar qualquer língua que eles pegavam os pedacinhos que conheciam e transformavam a língua dos outros na deles. Mas essa é uma maneira de não reconhecer a língua dos outros como existente, como uma identidade própria, mas *vertere*, transformando a língua do outro na nossa. Então, não se trata de reprimir ou reimprimir a língua do outro na minha, mais de *vertere*, transformar o sentido, esmiuçando os versos, o sentido mesmo interno das palavras, que não seja só uma assonância fônica, mas que possamos compreender o que o outro está dizendo.

Retomando a questão de narração, é muito interessante aqui quando estamos ainda diante da questão da impressão, da procura pelo equivalente. Em Roma, não se traduzia, se narrava. Há trechos de histórias romanas em que eles falam sempre de uma narração e não de uma tradução. Por quê? O adjetivo “*gnorus*” – aquele que fazia narração – era aquele que tinha a virtude da experiência dos fatos, aquela virtude de ter realizado a experiência com a consciência, do que se diz e se faz. Então a narração, o ato de narrar em Roma era daquele que teve uma experiência, uma consciência, uma competência. Isto era, para os romanos, a característica de um bom tradutor. Então, um bom tradutor não podia não ter feito a experiência das coisas. Para ativar a transformação, não se pode não conhecer, não ter experiência, consciência e competência. Se não tinha essas três coisas juntas, você não poderia *vertere*, transformar, exprimir *et* narrar as coisas.

No grego também não se traduz, mas se narra. Traduzir, no sentido de *vertere*, do latim, se diz *metaphorai*. Os significados são trazidos de uma língua para outra, mas não de maneira literal (palavra por palavra). Então a questão da contextualização da palavra é fundamental. No sentido em que, nesse processo, já citado, o processo cultural, temos que contextualizar sempre a palavra. Então, se re-

especializam as coisas, renomeando os personagens. Por exemplo, quando a *Odisseia* foi traduzida em Roma, Odisseu não ficou com esse nome, virou Ulisses. E Zeus virou Júpiter. Então, essas são traduções, mas são também transformações. Por que mudar o nome de Zeus e dos personagens principais da *Odisseia*? Porque eles tinham que ficar latinos, como aqueles que escutam, agora, essa história. Nesse caso, era preciso “fazê-los presentes”, como estou tentando fazer com Patrick Geddes. Então, Ulisses passa a ser personagem latino e Odisseu era um grego, que estava longe deles.

## QUEM É O TRADUTOR?

Em latim, o tradutor é chamado de *interpres*. É muito interessante ver o que significa *interpres*. *Inter* é entre as coisas, e *pres* vem do grego *pernemi* que significa traficar, vender. *Prasis* significa venda, *porné* significa prostituta. *Pres* são também os preços. (BETTINI, 2012, p. 97) Então, o *intrepres* é aquele que está entre os preços. O que significa? Ele tem que fazer uma avaliação do valor do texto e opera um compromisso entre o original e a explicação dele. Então não é tradução, menos ainda narração. Aqui chegamos na questão de interpretação, mediação, negociação, e comércio também. O *interpres* tem que veicular o valor do original no novo texto. Ele tem que compreender, de maneira muito fina, o significado do texto original. E os romanos consideravam o *interpres* não só aquele que trazia significados de uma língua numa outra, mas também – essa é o caso mais interessante – aquele que explicava oráculos, signos de adivinhação e que interpreta os sonhos, o astrólogo que lê e compreende os signos do céu. Aquele que interpreta as leis e que explica textos complicados. E esse *interpres* está no meio das coisas, *inter*, como o etnógrafo. Ele está sempre no meio das situações.



O antropólogo dá acesso à culturas outras. Ele está entre duas culturas, no mínimo, onde ele produz a pesquisa e onde ele trabalha a sua pesquisa. Onde ele faz a etnografia e onde ele vai analisar sua etnografia. Então, ele está entre dois mundos. Um é o mundo acadêmico, e outro é o mundo do trabalho de campo. Então, entre os dois mundos, ele está no meio. Ele é tradutor, de dois mundos.

Em grego, o tradutor se chama de *hermeneus*. A hermenêutica é a ciência da interpretação. “Muitas flechas pontiagudas tenho debaixo do braço, na minha aljava que falam pelos sábios, mas pelo povo, eles têm necessidade de intérpretes (*hermeneon*).” (PINDARO apud BETTINI, 2012, p. 122-3) E o *hermeneus*, Pindaro explica-o bem nesse trecho, se ocupa principalmente da recepção. Abre-se, assim, a questão da tradução como a prática de explicação das coisas complicadas. O *hermeneus*, era assim aquele que assumia e garantia o diálogo entre os deuses e os homens. No candomblé, os pais de santos são os *hermeneus* da palavra de Deus para o povo. Nunca se tem um diálogo direto. O diálogo entre deus e os homens é sempre feito pelo, através ou por uma pessoa. Essa pessoa é um tradutor. Isso é muito interessante porque, em muitas religiões, veremos que não há nunca a relação direta entre homem e Deus, mas tem sempre esta pessoa, que está sempre entre dois mundos.

No mundo grego, o *hermeneus* é aquele que trabalha sobre a comunicação, a linguagem e é aquele que quer dar voz às coisas. E sobre isso, penso que temos um grande papel, tendo em vista que essas ferramentas, que buscamos para apreender a cidade contemporânea, são dispositivos de tradução, mas não de tradução palavra por palavra, mas que são *hermeneus*, que são capazes dar voz a coisas diferentes. Dar voz a situações, alteridades, que não são as nossas. Eu acho isso uma coisa muito difícil. Por exemplo, no grupo de pesquisa que coordeno, o LAA,<sup>8</sup> nós trabalhamos para fazer/pro-

duzir uma pesquisa sem jargão. No sentido de que, se eu tenho que traduzir para aqueles que devem ler, porque utilizo o jargão acadêmico para mostrar que minha pesquisa é científica? Isso, para nós, é um grande problema porque assim se constroem muros, onde não há muros.

A tradução nos mostra como os dispositivos podem ser coisas que todos podemos compartilhar, não só no mundo acadêmico, mas como essas ferramentas podem ser dispositivos para a própria cidade. O que isso significa? E como as pesquisas devem ser “produtos” que podem ser lidos por todos? No sentido de ver como podem entrar na cotidianidade das pessoas, no debate público e ter uma fala, e serem assuntos que podem tocar as pessoas profundamente.

Como abrir a pesquisa para que as flechas pontiagudas da aljava debaixo do braço estejam disponíveis para todos? Este é o nosso dever como pesquisadores ■

## NOTAS E REFERÊNCIAS

**1\_** Esse texto se iniciou com a transcrição da fala da autora, feita em português, no Corpocidade 4 por Janaína Chavier, a complementação da autora com pequenas partes em francês, traduzidas por Milene Migliano, e uma revisão final feita por Paola Berenstein Jacques.

**2\_** As organizadoras do Corpocidade 4 me solicitaram fazer uma articulação entre estas três palavras.

**3\_** Estou traduzindo *Civics, as applied sociology* (1904), de Patrick Geddes, que saíra na França pela Editions Donner Lieu no fim de 2015.

**4\_** No sentido de fazer entrar no debate público.

**5\_** Neste propósito é interessante notar a diferença entre a religião cristã, que visa à fidelidade do texto, e a religião judaica, que desenvolve como princípio a interpretação do texto.

**6\_** Referência ao texto/exercício intitulado *Salvador, cidade do século XX: a partir das memórias de Pasqualino Romano Magnavita*, que se encontra na sessão “Experiência” da revista Redobra 14 (2014). Texto construído coletivamente por alguns integrantes da pesquisa PRONEM.

**7\_** Os romanos tinham como costume fabricar máscaras de cera de seus mortos, que eram conservadas em um relicário dentro de casa. Essas máscaras eram usadas nas procissões dos novos enterros e em ocasiões de sacrifícios públicos.

**8\_** Laboratoire Architecture Anthropologie (UMR LAVUE 7218 CNRS) : <<http://www.laa.archi.fr>>.

...

**BETTINI, M.** *Vertere. Un'antropologia della traduzione nella cultura antica*. Torino: Einaudi, 2012..

**KRAKAUER, S.** *Sur le seuil du temps. Essais sur la photographie*. Paris : la Maison de sciences de l'homme, 2014.

**DIDI-HUBERMAN, G.** *Devant le temps - Histoire de l'art et anachronisme des images*. Paris: Ed. Minuit, 2000.

**LEVI-STRAUSS, C.** *O pensamento selvagem*. Sao Paulo: Ed. Nacional, 1976 [1962],